

**MULHERES DAS PALAFITAS DE SANTOS:
A FEMINIZAÇÃO DO DÉFICIT HABITACIONAL A PARTIR DE NARRATIVAS
BIOGRÁFICAS¹**

Ana Carolina Ricco Uranga - Mestrado PPGSCS/PUCRS

Palafitas; Déficit Habitacional; Narrativas Biográficas

RESUMO: O cenário habitacional brasileiro apresenta diversas nuances sobre as condições precárias de moradia. No entanto, a responsabilidade por esses domicílios é assumida majoritariamente por mulheres que compartilham atribuições comuns, sendo elas as chefes de família. De acordo com a Fundação João Pinheiro (FJP), 62% do déficit habitacional, conforme levantamento do IBGE no período de 2014 a 2019, é composto por mulheres como pessoa de referência, vivendo em arranjos familiares monoparentais (mães solo). Nesse contexto, este trabalho concentra-se na tipologia habitacional das palafitas, em particular no aglomerado de palafitas que compõem a favela Dique da Vila Gilda, situada na zona noroeste de Santos/SP. Primeiramente, buscou-se compreender, por meio de levantamentos bibliográficos, os processos sociais que contribuem para o fenômeno da feminização do déficit habitacional, investigando questões interseccionais relacionadas ao gênero. Este embasamento teórico busca fundamentar as interpretações que serão extraídas dos relatos autobiográficos. Por fim, pretende-se discutir como o método das narrativas biográficas pode contribuir para a formulação de políticas habitacionais mais eficazes, que compreendam as necessidades de grupos específicos a partir da capacidade interpretativa dos indivíduos sobre sua vida cotidiana.

INTRODUÇÃO

A moradia é um tema amplamente explorado na literatura sob diversas perspectivas, incluindo abordagens influentes que consideram a habitação como resultado de dinâmicas socioeconômicas que influenciam o uso do solo (MARICATO, 2015). A urbanização das periferias das grandes cidades, iniciado pelo processo de industrialização na virada dos séculos XIX e XX, tem sido vastamente debatidos por intelectuais interessados nos paradoxos desencadeados pelos processos da urbanização (Harvey, 2006; Maricato, 2015; Lefebvre 1999; Castells, 2000; Rolnick, 1999; Santos, 2009; Breese, 1981, Santos, 2009). Contudo, a análise do rápido dinamismo da produção do espaço nas cidades, embora de

¹ Trabalho apresentado na 34^a Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

grande relevância, não se enquadra no escopo teórico deste estudo. A presente pesquisa visa, de maneira mais específica, investigar um aspecto ainda pouco explorado pela sociologia brasileira: a experiência da moradia ao longo da trajetória de vida de mulheres residentes em palafitas.

No contexto latino-americano, a gentrificação acelerada nas últimas décadas e a implementação de políticas habitacionais têm sido extensivamente estudadas desde a década de 1970. Pesquisadores como Manuel Castells alavancaram a investigação sobre como o subdesenvolvimento produz condições específicas de reprodução da força de trabalho, contrastando com os Estados de bem-estar social (ARANTES, 2009). No Brasil, as discussões e pesquisas sobre esse tema tiveram início com contribuições significativas de instituições como o CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) e a FAU-USP, que têm contribuído substancialmente para a compreensão das transformações urbanas e sociais desde a primeira publicação relevante em 1975, *A produção da casa (e da cidade) no Brasil industrial*, organizada pela renomada arquiteta e urbanista brasileira Ermínia Maricato. Essa obra é amplamente reconhecida como um marco na análise da cidade como organismo autônomo. (MARICATO, 2015).

A autoconstrução, por exemplo, é não só apresentada na fórmula da reprodução social da força de trabalho (como não-mercadoria que abriga a baixo custo a mercadoria força de trabalho e permite conseqüentemente a redução dos salários), como também é considerada, por outro lado, como mercadoria planejada para extrair uma renda de aluguel, e estreitamente ligada à especulação imobiliária e aos agentes que ganham com esse tipo de expansão urbana. Ou seja, a autoconstrução é reinserida no urbano e no mercado (mesmo que ilegal ou informal).

Levando em conta a relevância do tema moradia no contexto social brasileiro, marcado por desigualdades históricas que acentuam o reflexo da segregação dos espaços urbanos nas camadas mais vulneráveis, este trabalho busca realizar uma análise sociológica considerando a experiência biográfica de mulheres em situação de vulnerabilidade habitacional que residem na tipologia construtiva de palafitas, tendo como objeto de análise o aglomerado de palafitas que compõem a favela Dique da Vila Gilda, situada na zona noroeste de Santos/SP. A partir de levantamentos bibliográficos foi possível verificar que o objeto de estudo em questão foi pouco investigado. Maria Golobovante, professora da PUCSP e pesquisadora atuante na Comunidade Dique da Vila Gilda, descreve (Golobovante, 2021):

A Vila Gilda faz parte do maior complexo de favelas de palafitas da América Latina, com cerca de 20 (vinte) mil moradores, localizado na zona noroeste da cidade de Santos, litoral do Estado de São Paulo – Brasil. Santos é considerada uma cidade rica e com excelente qualidade de vida, mas que tem suas desigualdades

pois, enquanto na região da praia, a expectativa de vida é de 81 anos, e o IDH chega a 0,841, na zona noroeste, onde fica a Vila Gilda, ela cai para 69 anos e o IDH para 0,652. Geograficamente, a cidade de Santos está de frente para o mar e de costas para a Zona Noroeste, onde fica o Dique da Vila Gilda e suas microcomunidades que não aparecem nos mapas oficiais: Mangue Seco, Vila Telma, Caminho de São Sebastião, Brigadeiro, Vila Pelé, Caminho São José, Caminho da Capela e Caminho da Divisa. A história do surgimento e da consolidação populacional do Dique da Vila Gilda nos dá subsídios para entender como chegamos ao quadro atual de vulnerabilidade social desse território.

Durante a década de 1950, com a industrialização da região da Baixada Santista, muitas famílias encontraram nos limites da Zona Noroeste uma opção de moradia, impulsionadas pelo crescimento da atividade portuária em Santos e pelo desenvolvimento industrial em Cubatão. A Zona Noroeste de Santos é reconhecida como a região menos favorecida da cidade, destacando-se pela presença do Dique da Vila Gilda em sua porção sul. Esta área é caracterizada também como uma região de preservação ambiental (Área de Preservação Permanente - APP), abrangendo trechos de mangue, que foram ocupados por famílias vivendo em condições precárias e sem infraestrutura adequada (Muniz, 2010).

A região do Dique da Vila Gilda é caracterizada por sua elevada taxa de vulnerabilidade social. A infraestrutura precária, com a ausência de serviços essenciais como abastecimento de água e sistema de esgoto, impõe aos moradores a recorrerem a soluções improvisadas para atender às suas necessidades básicas. Além disto, a proximidade da comunidade com o Lixão Municipal de Sambaiatuba coloca a população exposta a riscos de saúde ocasionados pelas toneladas de resíduos descartados e o agravamento dos problemas ambientais (Tranquillin, 2023).

A tipologia habitacional das palafitas exemplifica mais uma das diversas condições precárias de moradia no Brasil (Carvalho, 2022). No entanto, a responsabilidade por esses domicílios é assumida majoritariamente por mulheres que compartilham atribuições comuns, sendo elas as chefes de família (IBGE, 2019). Dados do IBGE indicam que 62% do déficit habitacional no Brasil é composto por mulheres como pessoas de referência do domicílio, muitas vivendo em arranjos familiares monoparentais (IBGE, 2019). Na região sudeste, onde está situada a cidade de Santos, os dados referentes ao déficit habitacional revelam que 67,5% dos lares apresentam condições precárias, conforme o levantamento do IBGE em 2019.

Com base nesses dados é possível reconhecer o protagonismo feminino frente aos problemas habitacionais brasileiros. Em artigo publicado pelo Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade, esse fenômeno requer uma análise levando em conta mudanças sociais, econômicas, demográficas, considerando as influências de gênero, raça e classe social, que contribuem para as disparidades e violências de gênero enfrentadas diariamente pelas

mulheres, como afirmado pelas autoras Larissa Lacerda, Isadora Guerreiro e Paula Freire Santoro (2021):

A feminização do déficit habitacional deve ser compreendida a partir de determinados processos sociais e urbanos, que vão de mudanças demográficas e dos arranjos familiares à reprodução histórica de violências de gênero que atravessam as trajetórias de vida de mulheres. [...] Com baixos salários (especialmente mulheres negras) ou com salários mais baixos que o dos homens (especialmente mulheres brancas) e responsáveis pela família, as mulheres se equilibram entre o trabalho produtivo e reprodutivo, e muitas vezes não conseguem arcar com os custos da moradia. Articulam-se em redes sociais de solidariedade, mas ainda assim precisam de uma maior atenção do Estado para que possam ter autonomia.

A MORADIA NO CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO

O acesso igualitário a condições dignas de existência, como água, eletricidade, saneamento, creches e emprego, constitui um desafio permanente para a população em situação de vulnerabilidade habitacional. A exposição a ambientes insalubres e a precariedade das estruturas para higiene, combinadas com a impossibilidade de distanciamento social, exacerbaram a emergência sanitária causada pela pandemia de COVID-19. Esse cenário evidenciou ainda mais as desigualdades de gênero, uma vez que os trabalhos de cuidado, frequentemente não remunerados, tornaram-se ainda mais essenciais. Tal contexto tensiona os debates sobre a valorização do trabalho de cuidado e sublinha a importância de incluir essa temática na formulação de políticas públicas eficazes (CORREA, 2022). Esses desafios estão intrinsecamente ligados a um conjunto de condições essenciais para assegurar uma qualidade de vida digna, tanto para aqueles que necessitam de cuidados quanto para aqueles que fornecem esses cuidados, conforme elucidado por Renna Mirthes Correa (2022).

[...] o tema do cuidado e das políticas de cuidado emergem no campo político brasileiro como uma possibilidade de transformar dimensões históricas da desigualdade de gênero e de raça a partir de medidas que assegurem uma vida mais digna para as mulheres, com maior autonomia, mais tempo, inserção no mercado de trabalho, valorização do trabalho de cuidados, e também condições de trabalho decente a quem ofertar esse cuidado.

Segundo a autora, o entendimento de que um bom cuidado pressupõe condições de vida dignas pode ser compreendido a partir do fio condutor que permeia a vida cotidiana. Ela destaca a importância das conexões entre as mulheres pobres que vivem nas periferias urbanas e como suas experiências de vida podem oferecer contribuições teóricas para informar as múltiplas lutas cotidianas (CORREA, 2022). A pesquisadora Thaís Helena de Carvalho, conselheira municipal de desenvolvimento urbano e colaboradora no projeto de Assistência Técnica de Habitação de Interesse Social (ATHIS-Baixada Santista), enriquece

este campo de estudo com sua pesquisa realizada com mulheres residentes nas palafitas da Vila Gilda. Os resultados obtidos a partir de entrevistas semi-estruturadas revelaram que, das oito mulheres entrevistadas, sete trabalhavam informalmente (CARVALHO, 2022). Para a autora, este dado é significativo, pois evidencia como a informalidade do trabalho contribui para o aumento do número de "moradias construídas em cima de uma área de mangue poluído, desprovido de saneamento básico e infraestrutura" (CARVALHO, 2022).

No que concerne à administração pública, a pesquisa de Thaís Helena de Carvalho destaca que o Programa Nacional de Habitação (PNH) ampara as políticas habitacionais no município. Entretanto, tais políticas não são aplicadas de maneira igualitária, excluindo uma grande parcela da comunidade que depende de trabalhos informais ou não possui renda suficiente para custear financiamentos habitacionais (CARVALHO, 2022). Além dos recursos que subsidiam o financiamento para a aquisição de habitações de interesse social, o município também distribui auxílios emergenciais em eventos críticos que afetam a comunidade, como no incêndio de grandes proporções ocorrido em setembro de 2023, que deixou cerca de 452 famílias desabrigadas (G1, 2023). O Dique da Vila Gilda foi escolhido como objeto de estudo devido à sua relevância por ser o maior complexo de palafitas da América Latina (GOLOBOVANTE, 2021), e pelas diversas vulnerabilidades que seus habitantes são expostos, como a alta precariedade das habitações, a falta de saneamento básico e a suscetibilidade a enchentes e incêndios (G1, 2023).

O tema da moradia pode ser investigado a partir dos contextos das desigualdades de gênero, raça e classe, sendo estas analisadas como fatores promotores da informalidade do trabalho remunerado, influenciados pela divisão sexual do trabalho. A literatura especializada sugere que essa situação é um produto da construção patriarcal nas sociedades capitalistas, onde as mulheres assumem majoritariamente as responsabilidades pelos trabalhos domésticos e de cuidado. O trabalho reprodutivo, apesar de sua importância fundamental para a manutenção do sistema econômico, permanece invisibilizado. Essas elevadas cargas de trabalho, associadas a jornadas paralelas, são identificadas como fatores intrínsecos que dificultam a inserção das mulheres no mercado de trabalho, sua permanência e possíveis ascensões em suas carreiras (Lacerda, Guerreiro e Santoro, 2021; Bengoa, 2017).

As análises apresentadas por Bárbara Geraldo Castro se integram aos estudos sobre família e usos do tempo, proporcionando uma compreensão aprofundada da desigualdade temporal relacionada às diferenças de gênero, raça e classe. Castro destaca que os tempos sociais são heterogêneos e variam significativamente conforme o gênero, impactando de forma desigual o cotidiano das mulheres. Essa desigualdade temporal manifesta-se na

dificuldade de conciliação entre as atividades domésticas, de cuidado e o trabalho remunerado, evidenciando as barreiras enfrentadas pelas mulheres na tentativa de equilibrar múltiplas responsabilidades. (BENGOA, 2017).

Ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2013, a pesquisadora Jordana de Jesus observou uma disparidade significativa no número médio de horas de trabalho doméstico não remunerado, considerando idades, decil de renda per capita e gênero, no Brasil. A maior disparidade foi observada aos 30 anos de idade, quando as mulheres mais pobres realizavam, em média, 5,8 horas de trabalho doméstico, enquanto as mulheres mais ricas realizavam apenas 2 horas. Em comparação aos homens, as mulheres realizavam uma carga horária de trabalho doméstico diário aproximadamente 5 horas a mais (JESUS, 2018).

A feminização do déficit habitacional emerge como um fenômeno complexo, interligado ao contexto da violência doméstica. Raquel Ludermir examina como a interseção entre violência doméstica e a escassez de moradia adequada afeta aproximadamente uma em cada quatro mulheres no Brasil e na América Latina, especialmente aquelas sujeitas a múltiplas formas de discriminação e desigualdade. Ludermir investiga as trajetórias habitacionais de mulheres que enfrentam ou enfrentaram violência doméstica perpetrada por parceiros íntimos, observando que muitas delas são forçadas a deixar suas residências para escapar da violência, mesmo que temporariamente. Essas mulheres frequentemente buscam refúgio com familiares ou amigos, encontrando-se em situação de coabitação forçada, devido à escassez de moradias adequadas (IBGE, 2019), ou enfrentam o ônus financeiro de alugar uma nova residência. Ludermir introduz o conceito de "despejo relacionado à violência doméstica" para descrever essas circunstâncias. As narrativas documentadas por Ludermir junto a líderes de movimentos de moradia destacam famílias chefiadas por mães solteiras e mulheres que fogem de relacionamentos abusivos, muitas vezes recorrendo à ocupação como último recurso. Essas experiências sublinham a falência das políticas públicas existentes em oferecer alternativas viáveis, reiterando a moradia como uma preocupação central (LUDEMIR, 2021 apud SANTORO, 2021).

Abordar a temática da moradia destacando a narrativa das mulheres é, conforme Luiza Bairros, Ex-Ministra da Igualdade Racial, uma abordagem fundamental, que valoriza os relatos elaborados por mulheres, explorando suas experiências cotidianas como uma significativa contribuição intelectual. Essas contribuições oferecem uma perspectiva única sobre a autopercepção, a comunidade e a sociedade, proporcionando interpretações teóricas da realidade vivida por elas (Freire, 2022). Portanto, compreender o tema da moradia pela

perspectiva biográfica das mulheres, adotando a abordagem teórico-metodológica presente nesta pesquisa, demonstra-se de extrema relevância ao considerar a interpretação das mulheres em seu cotidiano. Isso possibilita fornecer novos elementos para a apreensão do tema nas análises sociológicas. Nesse sentido, as trajetórias e experiências de vida cotidiana dos atores sociais tornam-se fundamentais para a compreender a interpretação das vivências específicas dessa população, permitindo capturar suas diversas realidades com base em relatos biográficos.

Esta pesquisa ancora-se na abordagem reconstrutiva de narrativas biográficas, onde se pretende explorar a interpretação das entrevistadas sobre o contexto social (análise do mundo da vida) e como a moradia se insere em suas trajetórias de vida. Além disso, visa analisar as diversas percepções do tema e as estratégias adotadas na vida cotidiana para enfrentar situações problemáticas. Alfred Schütz enfatiza a capacidade interpretativa dos indivíduos na vida cotidiana, sustentando que a sociedade é largamente moldada pelas ações individuais, não sendo, portanto, algo dado, natural ou pré-determinado (Santos, 2017).

O objetivo é evidenciar a interpretação das mulheres que enfrentam diariamente questões relacionadas às suas condições de vida, as questões inerentes às condições em que vivem, seja em termos de vulnerabilidades externas (como clima, incêndios, violência, conforto) ou internas (insegurança, medo, saúde, entre outros) que podem se manifestar no seu bem-estar e o exercício de seus direitos (Busso, 2004). A análise das histórias de vida dessas mulheres possibilitará a criação de diferentes tipos interpretativos, considerando como essas interpretações são influenciadas pelos seus estoques de conhecimento e, especialmente, pelo sistema de relevância e categorização (Schütz, 2013). Esses aspectos desempenham um papel central no processo de interpretação de suas narrativas, sendo a abordagem metodológica um componente central deste estudo.

SOBRE A METODOLOGIA E A EXPERIÊNCIA DO INDIVÍDUO COMO PAPEL CENTRAL

A presente pesquisa adota a metodologia reconstrutiva de narrativas biográficas desenvolvida por Gabriele Rosenthal (Rosenthal, 2014; 2017). Essa escolha metodológica é justificada pela sua congruência com a fundamentação teórica adotada, que enfatiza a experiência como um elemento central para a compreensão das interpretações das entrevistadas em relação ao seu mundo vivido e às suas experiências cotidianas.

A metodologia reconstrutiva de narrativas biográficas permite que se construa tipologias interpretativas do mundo vivido, explorando como os indivíduos mobilizam seus

"estoques de conhecimento", sistemas de relevância e categorização, e principalmente os "motivos porque" em suas ações individuais, considerando suas biografias marcadas pela experiência de viver em palafitas, (Schütz, 2003). Desta maneira, o estudo busca analisar, através das narrativas de experiências passadas, as interpretações do cotidiano em diferentes fases da vida.

Rosenthal (2014) enfatiza a importância de compreender as ações individuais investigando tanto a perspectiva subjetiva dos atores quanto o curso de suas ações. Isso implica examinar as experiências passadas dos indivíduos, os significados que atribuíram às suas ações naquele momento, os significados atuais que atribuem a essas ações, e o contexto biográfico no qual as experiências são narradas. Ao adotar essa metodologia na pesquisa sobre mulheres que vivenciam a condição de morar em palafitas, este estudo busca oferecer novas perspectivas para a compreensão das interpretações dessas experiências.

A utilização de uma abordagem de entrevista narrativa se destaca diferenciando-se das tradicionais pesquisas qualitativas que frequentemente empregam roteiros de perguntas pré-estabelecidas. Esta metodologia, amplamente consolidada na pesquisa sociológica alemã, foi adotada no contexto brasileiro pelo pesquisador Dr. Hermílio Santos, professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS, mostrando-se altamente profícua (Santos, 2012).

Rosenthal (2014, p. 139) define narrativas como uma sequência de eventos passados, reais ou fictícios, que mantêm uma relação temporal ou causal entre si. A pesquisa visa apreender as interpretações das entrevistadas sobre suas próprias experiências biográficas, conforme preconizado pela sociologia de Alfred Schütz. A análise das narrativas biográficas se detém na forma como as entrevistadas apresentam suas vivências, identificando os temas centrais em torno dos quais constroem suas biografias, seguindo o segundo passo metodológico proposto por Rosenthal, que se fundamenta nos princípios da sociologia de Schütz.

Diferentemente das entrevistas com roteiros pré-definidos, neste estudo o roteiro é desenvolvido em colaboração com cada entrevistada. Após a aplicação deste procedimento analítico individualizado, as entrevistas serão comparadas para identificar tipos interpretativos distintos dentro do campo de pesquisa, contribuindo para a compreensão das interpretações cotidianas das mulheres moradoras de palafitas na Vila Gilda.

Este procedimento de coleta e análise de dados visa abordar a problemática de pesquisa de maneira inovadora, oferecendo insights sobre a experiência das mulheres que enfrentam condições habitacionais extremamente precárias. Essa abordagem analítica

representa uma contribuição original para a pesquisa sociológica brasileira sobre o tema investigado, ampliando o conhecimento disponível na área.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Pedro Fiori. Em Busca Do Urbano: Marxistas e a Cidade de São Paulo Nos Anos de 1970. São Paulo, Novos estudos, p. 03–127, 2009.

BENGOA, Cristina Carrasco. La economía feminista. Un recorrido a través del concepto de reproducción. Barcelona, Ekonomiaz, n.91, p. 50-75, 2017.

BREESE, Gerald William. Urbanization in Newly Developing Countries. 1981. Modernization of Traditional Societies Series, Princeton, 1981.

CARVALHO, Thaís H. de. Eu não tinha condições de pagar um aluguel decente: A política habitacional e urbana segunda a perspectiva da(s) mulhere(s) negra(s). 2002. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, UNIFESP, Santos, 2022.

CASTRO, Bárbara; Chaguri, Mariana M. Gênero, tempos de trabalho e pandemia: por uma política científica feminista. São Paulo. Linha Mestra, v.14, p.23-31, 2022.

CORREA, Ranna Mirthes Sousa. Lutas por creches, lutas do cotidiano: cuidado e moralidade no ativismo de mulheres no Morro da Polícia. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - PPG em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2022.

FREIRE, Rasbeca Sobral. Novos feminismos revisitados de Luiza Bairros. São Paulo. Lutas sociais, vol. 26, p. 226–241, 2022.

GOLOBOVANTE, Maria da Conceição. Rádio Web Palafita: Comunicação Cidadã no Dique da Vila Gilda, Santos (SP). Santos, Raízes e Rumos, 2021.

HARVEY, David. A Produção Capitalista Do Espaço. São Paulo, Annablume, 2006.

JESUS, Jordana Cristina de. Trabalho doméstico não remunerado no Brasil: uma análise de produção, consumo e transferência. 2018. Tese (Doutorado em Demografia) Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Faculdade de Ciências Econômicas, UFMG, Belo Horizonte, 2018.

LEFEBVRE, Henri. A cidade do Capital. Trad. Maria Ramos. Rio de Janeiro, editora DP&A, 1999.

LACERDA, Larissa; GUERREIRO, Isadora; SANTORO, Paula. Porque o déficit habitacional brasileiro é feminino. Labcidade. São Paulo, 22 abr. 2021. Disponível em: <https://www.labcidade.fau.usp.br/por-que-o-deficit-habitacional-brasileiro-e-feminino/#:~:text=A%20feminiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20d%C3%A9ficit%20habitacional,trajet%C3%B3rias%20de%20vida%20de%20mulheres>. Acesso em: 3 abr. 2024.

MARICATO, Ermínia. Para Entender a Crise Urbana. 1. ed., São Paulo, Expressão Popular, 2015

ROSENTHAL, Gabriele. Pesquisa social interpretativa: uma introdução. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada. Porto Alegre: Edipucrs, 2017.

SANTOS, Hermílio. Ação e relevância em narrativas de adolescentes autoras de atos infracionais. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 2, n.2, p. 489-512, 2012.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Editora Edusp, São Paulo, 4. ed, 2009.

SCHÜTZ, Alfred. Estruturas do mundo da vida. Porto Alegre, Edipucrs, 2013.